

Fernando Nogueira da Costa

BRASIL dos BANCOS



2008

Sumário

| | |
|---------------------------|-----|
| Prefácio (1) | 005 |
|---------------------------|-----|

| | |
|-----------------------------|-----|
| Introdução (5) | 006 |
|-----------------------------|-----|

Parte 1 – Bancos Públicos

| | |
|--|-----|
| Capítulo 1 – Banco do Brasil (41)..... | 011 |
|--|-----|

- 1.1. Antecedentes históricos
- 1.2. Primeiro Banco do Brasil
- 1.3. Segundo Banco do Brasil
- 1.4. Terceiro Banco do Brasil
- 1.5. Quarto Banco do Brasil
- 1.6. Banco do Brasil com atribuições de banco central
- 1.7. Banco do Brasil desenvolvimentista e autoridade monetária
- 1.8. Banco do Brasil – sociedade de economia mista: banco comercial e banco do governo
- 1.9. Banco do Brasil versus Banco Central do Brasil e Tesouro Nacional
- 1.10. PROEF – Programa de Fortalecimento das Instituições Financeiras Federais
- 1.11. Estratégia neoliberal em bancos públicos
- 1.12. Perfil do Banco do Brasil

| | |
|--|-----|
| Capítulo 2 – Caixa Econômica Federal (38)..... | 052 |
|--|-----|

- 2.1. Origem histórica
- 2.2. Problema de *funding* para financiamento imobiliário
- 2.3. Problema do descasamento contratual no financiamento imobiliário
- 2.4. Diagnóstico oficial
- 2.5. Reestruturação patrimonial
- 2.6. Perspectiva histórica
- 2.7. *Bancarização*
- 2.8. Identidade da CAIXA
- 2.9. Estratégia da Tesouraria

| | |
|---|----|
| Capítulo 3 – Privatização: Bancos Estaduais (38)..... | 90 |
|---|----|

- 3.1. Bancos em Minas Gerais
- 3.2. Banco do Estado de São Paulo
- 3.3. Crise de 1929
- 3.4. Recuperação da crise
- 3.5. Atuação desenvolvimentista
- 3.6. O caso Banespa
- 3.7. Diagnóstico dos problemas
- 3.8. Terapia alternativa

- 3.9. PROES – Programa de extermínio
- 3.10. Renegociação da dívida do Estado de São Paulo
- 3.11. Privatização

Parte 2 – Bancos Privados

Capítulo 4 – Concentração Bancária: Bancos Privados Nacionais Líderes (65).....128

- 4.1. Condições institucionais para expansão da moeda bancária
- 4.2. Grandes bancos privados mineiros
- 4.3. Da Casa Bancária Moreira Salles ao Unibanco
- 4.4. Surto bancário durante a II Guerra Mundial
- 4.5. Bancos em São Paulo
- 4.6. Origem do Bradesco: “Banco Brasileiro de Dez Contos, Se Há”
- 4.7. Banco Federal, Itaú, Sul Americano, América, União Comercial, enfim, Itaú
- 4.8. Safra: banco particular internacional
- 4.9. Lições positivas da história bancária brasileira
 - 4.9.1. Conglomeração econômico-financeira
 - 4.9.2. Segmentação e “*core business*”
 - 4.9.3. Localização
 - 4.9.4. Informatização
 - 4.9.5. Rentabilidade internacional, escala nacional

Capítulo 5 – Crise Bancária: Bancarrotas de Bancos (46)..... 193

- 5.1 Lições negativas da história bancária brasileira
- 5.2 Banco Econômico
- 5.3 Banco Nacional
- 5.4 Bamerindus
- 5.5 Famílias da banca nacional
- 5.6 Bancos de negócios: negociações e negociatas
 - 5.6.1 “IGP-M”
 - 5.6.2 Os “economistas-banqueiros”
 - 5.6.3 Os “banqueiros perdulários do consumo conspícuo”
 - 5.6.4 Os “banqueiros escandalosos”
 - 5.6.5 Santos e mecenas

Capítulo 6 – Desnacionalização Bancária: Reserva e Abertura do Mercado (40).....239

- 6.1. Oportunidade de investimento estrangeiro
- 6.2. Contexto internacional
- 6.3. Estudo de caso: Citibank
- 6.4. Estudo de caso: Sudameris
- 6.5. Reserva do mercado bancário
- 6.6. Abertura financeira externa
- 6.7. Estudo de caso: Santander
- 6.8. Estudo de caso: ABN Amro
- 6.9. Estudo de caso: HSBC
- 6.10. Nova onda de entrada de investimentos estrangeiros no setor bancário

Parte 3 – Brasil dos Bancos

| | |
|---|-----|
| Capítulo 7 – Brasil dos Bancos (47)..... | 279 |
| 7.1. Origem dos bancos e evolução do sistema bancário | |
| 7.2. Fases da história da moeda e dos bancos no Brasil | |
| 7.3. Três funções básicas dos bancos | |
| 7.3.1. Viabilizar sistema de pagamentos | |
| 7.3.2. Oferecer segurança, rendimento e liquidez para aplicações | |
| 7.3.3. Financiar atividades | |
| 7.4. Perspectivas futuras dos negócios bancários no Brasil | |
| 7.4.1. Agronegócio, crédito agrícola e seguro rural | |
| 7.4.2. Urbanização, crédito imobiliário e securitização | |
| 7.4.3. Sociedade de consumo massificado, crédito ao consumidor e inserção internacional | |
| 7.4.4. Janela de oportunidade histórica | |
| Posfácio (13)..... | 326 |
| Anexo – Linhas do tempo na história bancária brasileira (5)..... | 339 |
| Bibliografia (6)..... | 344 |

Total de 349 páginas.

Prefácio

Este livro apresenta síntese de minhas pesquisas sobre a atuação dos bancos na economia brasileira, tema a que me dedico desde a pesquisa para a dissertação de Mestrado, “Bancos em Minas Gerais (1889-1964)”, defendida em 1978. A pergunta-chave que me despertou o interesse pelo assunto foi uma que ainda não se encontrava resposta na leitura da historiografia brasileira: – “Por que os bancos mineiros, sediados em uma economia mais frágil, eram os maiores bancos privados do Brasil”?

Depois, nos anos 80, outro grande desafio intelectual (e ideológico) foi compreender a crise dos bancos estaduais e me posicionar no debate sobre a privatização deles. Foi quando tive a oportunidade de estudar o caso e defender a tese de Doutorado: “Banco de Estado: o Caso BANESPA”, em 1988. Na primeira metade dos anos 90, meu grande interesse foi pesquisar a diversificação setorial dos grandes grupos bancários privados nacionais. Na segunda metade, a crise e quebra de grandes bancos, as privatizações dos estaduais, a concentração e a desnacionalização bancária foram as maiores motivações de pesquisa.

No início da década atual, dei palestras e escrevi, inclusive em jornais, em defesa das Instituições Financeiras Públicas Federais, ameaçadas de privatizações, propostas por consultorias estrangeiras e instituições financeiras multilaterais. Concedi consultorias a respeito, para quase todas as Federações e Associações de Empregados dos bancos públicos federais.

No primeiro mandato do governo Lula, tive a oportunidade de estar na direção estratégica de uma grande empresa financeira como Vice-presidente de Finanças e Mercado de Capitais da Caixa Econômica Federal, entre fevereiro de 2003 e maio de 2007. Na mesma ocasião, aprofundi minha visão sistêmica como Diretor-executivo da FEBRABAN – Federação Brasileira de Bancos. Tive também atuação no desenvolvimento do mercado de securitização como membro do Conselho de Administração da CIBRASEC – Companhia Brasileira de Securitização. Adquiri conhecimento sobre o sistema de pagamentos brasileiro no Conselho de Administração da CIP – Câmara Interbancária de Pagamentos. Acompanhei o setor de seguro previdenciário no Conselho de Administração da CAIXA Vida & Previdência. Aprofundi meu conhecimento do setor de fundos de pensão no Conselho de Administração da FUNCEF – Fundo de Pensão dos Empregados da Caixa Econômica Federal.

O objetivo maior deste livro é narrar a história do Brasil sob os pontos de vista das trajetórias dos diversos bancos: públicos ou privados, nacionais ou estrangeiros, grandes ou pequenos. Possui também o objetivo de apresentar à opinião pública e à especializada, inclusive para formação de quadros profissionais, imagem realista da importância do papel dos bancos na história de nosso país. Pode despertar o interesse de estudantes universitários de Economia, Administração de Empresas, Contabilidade, Ciências Sociais, Ciência Política, História, Jornalismo, de profissionais matriculados em cursos de MBA, Pós-graduação, Universidades Corporativas dos bancos, e de parcela dos mais de 400.000 bancários empregados nos bancos brasileiros, pois o livro discorre sobre seu empregador com linguagem acessível. Enfim, todos que se interessam por conhecer mais o Brasil poderão ter leitura profícua.

Agradeço a todos os colegas e amigos que apoiaram minha trajetória profissional na UNICAMP, na CAIXA, na FEBRABAN e nas Associações de Empregados de Bancos. Particularmente, devo muitos agradecimentos aos meus queridos familiares, Dayse, Ivo e Nina.

Fernando Nogueira da Costa

Introdução

A história dos bancos no Brasil apresenta dois séculos para análise. Há muito que se aprender com ela. Conhecê-la é imperioso inclusive porque ela trata de uma das frações mais poderosas, econômica e politicamente, da classe social dominante no país. Curiosamente, com tanta crítica à “história (restrita à) dos vencedores”, e conseqüente estímulo a se escrever a “história dos vencidos”, deparamo-nos, tendo completado o século XX, com relativo desconhecimento da origem, do crescimento e do auge dos principais bancos brasileiros.

Se um leitor almejar conhecer o Brasil, sua formação histórica, seu povo, sua sociedade, sua cultura, sua economia, suas instituições, ele pode se dedicar à leitura atenta de obras clássicas. Entre outras, cujas resenhas são encontradas em MOTA (1999), há desde os *Sermões*, do padre Vieira, até *A Revolução Burguesa no Brasil*, de Florestan Fernandes, passando por *Casa-grande & Senzala*, de Gilberto Freire, *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Hollanda, *Formação do Brasil Contemporâneo*, de Caio Prado Júnior, e *Formação Econômica do Brasil*, de Celso Furtado. No entanto, finda a longa leitura desses intérpretes do Brasil, perceberá a ausência de personagem e instituição fundamental: *o banqueiro e seu banco*. Quanto a eles, há omissão na historiografia brasileira, com a exceção do livro de MINELLA (1988) sobre a organização e o poder político dos banqueiros no Brasil.

Em obra contemporânea sobre a história recente do país (CONTI, 1999) encontra-se interessante paráfrase. Disse o jornalista Samuel Wainer: – “Não é possível escrever a história da imprensa brasileira sem dedicar um vasto capítulo aos empreiteiros”. P. C. Faria, tesoureiro da campanha eleitoral do ex-presidente Collor, parafraseou: – “Não dá para escrever a história da política brasileira sem que as grandes empreiteiras apareçam em cada página e sem dedicar um monte de capítulos aos banqueiros”. Nessa matéria, ele sabia do que estava falando...

Este livro apresenta síntese de minhas pesquisas sobre a atuação dos bancos na economia brasileira, tema a que me dedico desde minha dissertação de mestrado, há 30 anos. Seu objetivo é buscar apreender, assimilar mentalmente, entender, compreender, as “lições da história” dos bancos no Brasil. Ressalto, desde já, que não é trabalho típico de *historiador*, apresentando exaustivamente em detalhes a cronologia dos acontecimentos, mas sim de *economista*, buscando em experiências passadas comparação com acontecimentos atuais e estudando a genealogia e a trajetória dos bancos mais expressivos. Em outras palavras, estudar o passado para ajudar a esclarecer o presente, captar o sentido, a tendência dessa história. E cooperar para transformar o futuro.

Minha maior motivação intelectual é alcançar compreensão mais profunda da história bancária do Brasil. A ambição de entender o sentido dessa história, se há algum, pode parecer, à primeira vista, excessiva, mas não será infrutífera. Como “passageiro do tempo”, já não dá para postergar...

O livro apresenta o tema em três partes. As duas primeiras enfocam casos expressivos de bancos que atuaram na economia brasileira, classificando-os por origem de capital, público e privado (nacional ou estrangeiro), e porte. Nesta Introdução,

apresento síntese analítica da evolução histórica desse sistema bancário. Esse fio-condutor visa facilitar a compreensão do leitor.

A primeira parte analisa o papel do Estado na constituição do sistema financeiro nacional. Avalia as instituições financeiras com que ele atua como *market-maker* (“fazedor” ou “regulador” do mercado), ou seja, a atuação ao longo da história do Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal. Contempla também o ciclo histórico dos bancos governamentais estaduais: desde suas origens até suas privatizações. Os casos dos bancos dos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais recebem foco maior.

Na segunda parte, sobre bancos privados, reconstitui-se a história dos bancos nacionais privados que estiveram nos primeiros lugares do ranking brasileiro sob qualquer quesito: volume de depósitos, empréstimos, ativos ou patrimônio líquido. Os “rubis” da *banca nacional* é constituído pelo Real (ex-Lavoura de Minas Gerais), Unibanco (ex-Moreira Salles de Minas Gerais), Bradesco, Itaú e Safra. Para contraste, não trato somente dos casos de sucessos (até hoje), mas também dos fracassos recentes dos bancos Econômico, Nacional e Bamerindus. Mas, quando se escreve sobre bancos, no Brasil, muitos esperam ler algo sobre “banquetas” ou mesmo “banquetes”... Para não decepcioná-los, escrevi tópico sobre “bancos de negócios”, embora meu interesse principal seja o grande banco comercial de varejo do (e no) Brasil.

Também não poderia deixar de me atentar sobre a relevância (ou não) da atuação dos bancos privados estrangeiros na economia brasileira. Essa atuação oscila, historicamente. Tem papel significativo nos períodos de abertura financeira, elevando a mobilidade internacional do capital. Mas na fase nacional-desenvolvimentista da industrialização brasileira, o papel foi secundário. Cabe analisar os impactos potenciais face aos já observados, na recente desnacionalização do varejo bancário no Brasil.

Na terceira e última parte, ao invés de estudos de casos dos principais bancos na história bancária brasileira, o interesse versa sobre o próprio sistema bancário. Passa de visão microeconômica para macroeconômica. À guisa de conclusão, alerta para a diferenciação necessária entre a origem de bancos e a evolução sistêmica. Consolida as fases dessa história bancária com a própria história monetária. Propõe-se a mostrar como o sistema bancário cumpriu (e cumpre) suas funções principais, para a sociedade e a economia brasileira: viabilizar o sistema de pagamentos, oferecer segurança, rendimento e liquidez para aplicações, financiar atividades. Também trata de alguns temas de grande interesse recente: o acesso a bancos, a evolução tecnológica, as novas formas de manutenção da riqueza, a evolução do crédito e a formação da taxa de juros de empréstimos.

Para não dizer que não falei do futuro, a pergunta-chave do último tópico é: quais contribuições podem dar os bancos à construção de nação democrática, desenvolvida e justa socialmente? Nesse sentido, para ilustrar, a escolha recaiu sobre tratar de alguns temas importantes para o desenvolvimento econômico e social do país, em que os bancos podem ajudar muito: o agronegócio e o crédito agrícola, a urbanização e o crédito imobiliário, a massificação do consumo e o crédito ao consumidor, a inserção internacional e o crédito à exportação. Esses temas, logicamente, se entrelaçam: mecanização do campo - expulsão de mão de obra para cidades - mobilidade social - ampliação de mercados de trabalho, bens e serviços, inclusive no exterior. Mas o fenômeno social que estaremos vivendo, nestas primeiras

décadas do novo século, que é o mais importante de todos os cidadãos tomarem consciência: o “bônus demográfico” abre uma janela de oportunidade histórica em que a sociedade brasileira poderá dar um salto na qualidade de vida de seu povo. O sistema bancário, parte constitutiva desta Nação, pode contribuir principalmente no financiamento para o crescimento de sua renda. Mas pode dar também exemplo de combate à desigualdade de oportunidades.

Esta introdução à história dos bancos no Brasil apresenta visão panorâmica. Talvez se consiga reunir todos os argumentos em defesa de tese a respeito da evolução histórica dos bancos. Fiz esforço de levantar o que nesse espaço nacional perdurou ao longo do tempo. Um movimento que possivelmente explica a lógica dessa evolução é o derivado da progressiva busca de conquista de mercado (clientes): desde o local-urbano, passando pelo estadual, regional e nacional, até se deparar com a necessidade de escala e competitividade para o enfrentamento internacional. Era necessário fazer análise dos limites de cada um desses mercados. Ainda não tinha sido feita investigação da dimensão da clientela de cada tipo de banco. Não tinham sido discutidas de maneira suficiente as conseqüências financeiras e tecnológicas das características particulares dessa clientela bancária, em país que possui uma das piores concentrações de renda e de riqueza e uma das maiores dimensões populacional e territorial no mundo.

Para organizar a análise, adoto periodização dessa história financeira com base em marcos institucionais. Estes são definidos a partir de processos de inovações financeiras, em nível nacional, orientados por vontade política explícita como resposta aos choques cambiais (com fugas de capital) e à geração de necessidades e possibilidades econômico-financeiras internas. Essas instituições financeiras são criadas e recriadas não só a partir da fundação ou extinção de estabelecimentos bancários com propósitos específicos, caso típico de bancos estaduais e de bancos de investimentos nacionais independentes, mas também pela criação, destruição e recriação de conjunto de regras e contratos que têm como propósito redesenhar o sistema de financiamento (COSTA & DEOS, 2002). Portanto, para o leitor não familiarizado com o assunto, é interessante conhecer, de início, os marcos institucionais na história bancária nacional. Nesse sentido, o Anexo “Linhas do Tempo” resume essa história factual, a partir da qual pode se esboçar interpretação analítica.

Breve leitura atentará para a existência de determinadas fases ou períodos com repetição de certos acontecimentos que caracterizaria fenômeno bancário específico. Grosso modo, no meu entender, poderíamos destacar as seguintes fases:

1. **Século XIX (1808-1905):** indefinição do padrão monetário refletindo na criação-destruição-recriação do Banco do Brasil, banco do governo com “crise de identidade” entre assumir a “coisa pública” ou atuar de acordo com as “regras do mercado”, desde sua primeira fundação.
2. **1905-1930:** abertura financeira ao exterior, permitindo o ingresso de capitais externos, o predomínio de bancos estrangeiros e as duas experiências brasileiras do século passado com o padrão-ouro: a Caixa de Conversão (1906-1914) e a Caixa de Estabilização (1926-1930); nesse período, surgiram também as condições institucionais necessárias para a criação da moeda bancária e, conseqüentemente, o descolamento da fração bancária do capital cafeeiro.

3. **1930-1945:** socialização das perdas bancárias; imposição da reserva de mercado, no varejo bancário, em favor dos bancos brasileiros; legislação liberal propícia a fundações de bancos; início do uso de bancos públicos (federais e estaduais) para uma atuação desenvolvimentista.
4. **1945-1964:** fim da fase competitiva e início do processo de concentração bancária; criação de novas instituições financeiras com prioridade ao financiamento do surto de desenvolvimento econômico.
5. **1964-1988:** “repressão financeira” que modernizou e fortaleceu o sistema bancário nacional, através das reformas monetária, habitacional e do mercado de capitais, da indução do processo de concentração e conglomeração, e do estímulo à internacionalização dos bancos públicos e privados nacionais.
6. **1988-1994:** “liberalização financeira”, com fim da exigência de carta-patente, facilidade para se criar “bancos múltiplos” e “bancos de negócios ou nichos”, abertura à entrada de capital externo.
7. **1995-2002:** crise bancária com liquidação de grandes (e também de pequenos) bancos privados nacionais, privatização de bancos estaduais, reestruturação patrimonial das instituições financeiras públicas federais, concentração e desnacionalização bancária.
8. **2003-2006:** acesso popular a bancos (“bancaização”) e a crédito (em consignação, aos consumidores e microcrédito) com ganho de economia de escala, elevando a competitividade dos bancos no Brasil.

Algum tempo hesitei, tal como o Brás Cubas (personagem de Machado de Assis), entre abrir essas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se colocaria em primeiro lugar o nascimento ou a morte dos bancos puramente nacionais. “Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento”, a segunda consideração de Brás Cubas me levou a pensar em adotar diferente método: “é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo”.

Entretanto, levei em conta o leitor afeito ao método tradicional de leitura e fiz apenas genealogia dos bancos participantes ativos da história bancária recente. Em outras palavras, adotei o método de exposição cronológica da filiação de cada um deles ou da origem e ramificações da “família banqueira”. O leitor encontrará série de dados e informações que compõem a história do desenvolvimento do sistema bancário no país, com a procedência ou origem de seus principais elementos.

Os fenômenos característicos da penúltima etapa listada acima (1995-2002) são referentes aos bancos classificados por origem de capital. Dessa forma, expor a genealogia desses fenômenos dos anos 90 e início do milênio (crise, reestruturação patrimonial, privatização, concentração e desnacionalização) sugeria a organização do material de pesquisa como relacionado, respectivamente, aos bancos públicos federais, estaduais, privados nacionais e estrangeiros.

Mas, cometendo a heresia de olhar a história a partir do “ponto-de-chegada”, o da massificação da clientela bancária, talvez seja mais interessante relacioná-los com fenômenos históricos relevantes na construção da nação brasileira. Refiro-me,

inicialmente, ao papel desenvolvimentista do Banco do Brasil, inclusive na expansão do agro negócio exportador e no fortalecimento da agricultura familiar. Da mesma forma, a análise do potencial da atuação da Caixa Econômica Federal no desenvolvimento urbano, particularmente em urbanização de favelas, é indispensável. Os bancos estaduais tiveram papel-chave no desenvolvimento regional. Praticamente, todos os grandes bancos brasileiros estão envolvidos na criação de sociedade de consumo massivo, integrada nacionalmente e com oportunidades de mobilidade social. Vários bancos estrangeiros, que acompanharam inicialmente seus clientes originais, em operações de atacado, não mantiveram o fôlego na corrida tecnológica, para disputa do varejo brasileiro. Mas apoiaram a abertura financeira e comercial da economia. Rumo a esses destinos, temas cruciais para os bancos colaborarem na construção de nação desenvolvida, democrática e menos desigual socialmente, se seguirá a exposição em busca das lições da história desses bancos no Brasil.

Daí minha dúvida inicial a respeito do título do livro. Tinha dúvida entre “Bancos do Brasil” *ou* “Brasil dos Bancos”. A conjunção coordenativa “*ou*”, que serve para ligar as palavras, pode ser lida de diversas maneiras. Uma, indicando alternância ou exclusão, tipo “é uma coisa ou é a outra coisa”. Mas, poderia refletir também dúvida, incerteza, por exemplo, “não sei se os bancos são do país ou se o país é dos bancos”. Alternativamente, ser empregada como ênfase antes de cada termo ou frase da alternativa como fosse, por exemplo: “ou ficar a pátria livre ou morrer pelo Brasil!” Enfim, cabe também ser lida como conjunção explicativa ou outra maneira de dizer algo. Essa é a provocação que o título afinal adotado faz ao leitor: ao final da leitura do livro, decifrar seu significado!